



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Linda Midori Tsuji Nishikido

Universidade Federal do Amazonas

orcid.org/0000-0001-9193-8712

lindanishikido@gmail.com

Elaine Pereira Andreatta

Universidade Estadual do Amazonas

orcid.org/0000-0001-7446-3276

eandreatta@uea.edu.br

Cacio José Ferreira

Universidade Federal do Amazonas

orcid.org/0000-0003-0009-226X

caciosan@ufam.edu.br

Dois irmãos: escritura, espaço e cultura em Milton Hatoum e Germano Almeida

RESUMO: O presente artigo apresenta a comparação entre as obras Dois irmãos, de Milton Hatoum, e Os dois irmãos, de Germano Almeida. A comparação tem por objetivo desenvolver a análise dos aspectos relativos ao espaço, o qual demanda o entendimento dos espaços físico e cultural, sobretudo por meio do comportamento dos irmãos Yaqub e Omar, André e João e das mulheres Zana e a mãe de João e André. Trata-se de uma abordagem qualitativa que busca compreender a concepção de espaço e de cultura nas obras mencionadas, tendo como principais bases teóricas A poética do espaço, de Gaston Bachelard, Espaço e Literatura: introdução à topoanálise, de Oziris Borges Filho e Lima Barreto e o espaço romanesco, de Osman Lins. O texto faz uma breve alusão às razões que levaram os autores a escrever os romances, bem como uma explanação do macroespaço manauara e cabo-verdiano no âmbito da cultura, além da representatividade da mulher no espaço da casa. Nesse sentido, a literatura opera aproximando duas ambientações, que, embora distantes quanto ao espaço físico, estão inter-relacionadas por meio do espaço histórico, religioso e, sobretudo, cultural. Palavras-chave: Espaço; Cultura; Mulher; Milton Hatoum; Germano Almeida.

INTRODUÇÃO



Ao se ler as obras *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, e *Os Dois Irmãos*, de Germano Almeida, a de imediato avulta a semelhança dos títulos, mas, à medida que se adentra os textos, encontram-se liames arraigados, sobretudo pelo espaço narrativo, provocando, desse modo, um estudo comparado procedente entre os romances. Nesse sentido, a concepção pós-estruturalista de Maurice Blanchot, de acordo com Davi Andrade Pimentel:

[...] é imprescindível o aprofundamento no espaço da literatura para que se possa por instantes vislumbrar a elaboração do texto literário, aproximando-se de uma interpretação não-superficial, mas experimentada, aprofundada, tocada. É necessária a doação completa, é preciso olhar para trás e ver Eurídice e se perder juntamente com ela na profundidade do inferno, aqui, o terreno da instabilidade literária. (PIMENTEL, 2012, s/p)

Nota-se, assim, o imperativo de uma maior imersão no leito da literatura para se compreender melhor o espaço enquanto elemento narrativo. Tal aprofundamento conduz os textos literários à pluralidade de sentidos e intertextos, fundamental para o estudo da Literatura Comparada, conforme atesta Antonio Candido:

[...] estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada, porque a nossa produção foi sempre tão vinculada aos exemplos externos, que insensivelmente os estudiosos efetuavam as suas análises ou elaboravam os seus juízos tomando-os como critérios de validade. (CANDIDO, 1996, p. 211)

Nessa perspectiva, a comparação das obras cabo-verdiana e brasileira a partir da perspectiva do espaço (macroespaço e microespaço)¹ direciona a análise para a ótica da cultura, observando os pontos de convergências e de divergências entre os romances de maneira a gerar reflexões acerca da essência do ser na construção das personagens.

São apresentados, em primeiro plano, os conceitos de espaço e de cultura no sentido *lato*, que convergem, posteriormente, para um entendimento no âmbito da literatura, segundo formulações teóricas de Gaston Bachelard, Oziris Borges Filho e Osman Lins. Em seguida, em perspectiva comparada, analisam-se os comportamentos das personagens no espaço da casa e no meio social, em especial as situações narrativas



envolvendo as mães e os irmãos nas obras de Hatoum e Almeida.

Evidentemente, estudar espaço e cultura envolve investigar também outras questões, como as históricas, étnicas e sociais.

Esse conjunto de fatores entrelaçados justifica e legitima o estudo comparado das obras, rompendo barreiras e permitindo a aproximação entre os espaços cabo-verdiano e amazonense.

ESPAÇO E CULTURA: ELEMENTOS DE UM UNIVERSO FICCIONAL

Geograficamente, as obras *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, e *Os dois irmãos*, de Germano de Almeida, estão situadas em espaços diferentes: África e América do Sul. Essa distância, entretanto, não é empecilho para desenvolver o diálogo comparativo, pois o processo histórico-cultural enseja vínculos que conformam o cotejamento dos romances. Esse percurso se iniciou no século XVI, no período das grandes navegações, quando os portugueses se aventuraram por mares desconhecidos em caravelas, explorando espaços e deixando marcas nos lugares conquistados. Embora a colonização tenha transcorrido em diferentes continentes, a maioria dos locais foram colonizados por agentes políticos diversos, que levavam consigo costumes, a religião, a língua e inúmeros saberes, culminando na mistura de elementos variados no processo de formação étnico-social. Essa aproximação, somada aos aspectos relacionados ao espaço e à cultura, conflui com a percepção apurada de Antonio Candido, que compreende as funções da Literatura divididas em pelo menos três categorias distintas, a saber:

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é a forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 1995, p. 176)

Para Candido, o conjunto das funções literárias atuam como uma dose de humanizaçãoⁱⁱ. Nessa perspectiva, a literatura propicia a visão de mundo dos indivíduos e, por consequência, dos autores dos romances, segundo um entendimento macro do espaço e da cultura de seus

respectivos lugares como uma espécie de pintura por meio das palavras.

A palavra *spatium*, oriunda do latim, pode ser definida como a distância ou o limite entre determinados pontos. A área de acesso do escritor relacionada aos mais diversos campos do saber, assim, delinea a escritura e a especificidade do espaço. Segundo Osman Lins, "tudo na ficção sugere a existência do espaço – e mesmo a reflexão, oriunda de uma presença sem nome, evoca o espaço onde a proferem e exige um mundo no qual cobra sentido" (LINS, 1976, pp. 62-63). Portanto, o espaço na literatura apresenta-se como uma das categorias de substancial importância na construção da narrativa, pois quando interrelacionada com outros elementos da narrativa – como o enredo, o foco narrativo, as personagens e, sobretudo, o tempo – configuram uma reflexão crítica de obras romanescas. A propósito dessa afirmação, Osman Lins prossegue:

[...] não só espaço e tempo, quando nos debruçamos sobre a narrativa, são indispensáveis. A narrativa é um objeto compacto e inextricável, todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros. Pode-se, apesar de tudo, isolar artificialmente um dos seus aspectos e estudá-lo – não, compreende-se, como se os demais aspectos inexistissem, mas projetando-o sobre eles: neste sentido, é viável aprofundar, numa obra literária, a compreensão do *seu* espaço ou do *seu* tempo, ou, de um modo mais exato, do tratamento concedido, aí, ao espaço ou ao tempo: que função desempenham, qual a sua importância e como os introduz o narrador. (LINS, 1976, pp. 62-63)

A cultura, de acordo com Roque Laraia, na acepção antropológica do termo, foi definida pela primeira vez por Edward Tylor, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (LARAIA, 2001, p. 25). Dessa maneira, demarcar a cultura no romance, portanto, significa investigar aspectos relacionados aos costumes, às crenças, à arte, ao comportamento individual e social, a tudo passível de definição como hábitos de um povo.

Há dois espaços diferenciados nas obras analisadas. Dessa maneira, também é necessário entender aqui espaços específicos nos quais as narrativas ficcionais se desenvolvem, uma vez que





utilizam na construção da escritura espaços sintetizados do real. Milton Hatoum recorre à ruidosa e fragmentada cidade de Manaus, no Amazonas, e Germano de Almeida, a Cabo Verde.

Por conseguinte, a análise dos espaços singulares de *Dois irmãos* e de *Os dois irmãos* permite evidenciar a formação cultural

de cada um. No amazônico, Samuel Benchimol enfatiza que:

[...] o conhecer, o saber, o viver e o fazer na Amazônia Equatorial e Tropical inicialmente foi um processo predominantemente indígena. A esses valores e culturas foram sendo incorporados, por via de adaptação, assimilação, competição e difusão, novas instituições, instrumentos, técnicas, incentivos e motivações transplantadas pelos seus colonizadores e povoadores. Entre eles: portugueses, espanhóis, em particular, europeus, com algumas contribuições africanas, semíticas e asiáticas, além de novos valores aqui aportados por migrantes nordestinos e de outras regiões brasileiras. (BENCHIMOL, 2009, p.17)

Diversos e variados valores culturais continuam se formando e se entrelaçando na região amazônica, que recebe ainda migrações intraestaduais e internacionais, gerando, desse modo, transformações tanto econômicas quanto culturais. Resta a seguinte particularidade, que permanece constante:

[...] a extraordinária capacidade que a sociedade amazônica demonstra em acolher, absorver, assimilar e integrar povos e culturas diferentes. E, sobretudo, nesse contínuo processo de adaptação, de renovar-se a si mesma, influenciando e se deixando influenciar, sem perder o seu caráter e a sua identidade brasileira e tropical. (BENCHIMOL, 2009, p. 487)

Roy Wagner (1975, p. 94) classifica o entrelaçamento e a transformação cultural como fruto da invenção que “perpetua não apenas as coisas que ‘aprendemos’, como a língua ou boas maneiras, mas também as regularidades de nossa percepção como cor e som, e mesmo o tempo e espaço”.

Já no espaço cabo-verdiano, como aponta Maria Aparecida Santilli, o processo de povoamento e de colonização ocorreu de forma análoga ao transcorrido no Brasil. “A princípio, por degredados, ou condenados, ou indultados portugueses, aventureiros inclusive mercadores de escravos, judeus ibéricos expulsos, além de piratas ou exploradores de diferentes nacionalidades que o visitaram” (SANTILLI, 2007, p. 16).



O processo destacado por Santilli, conjugado a outros fatores afins, a exemplo da língua, dos problemas regionais e sociais retratados pela literatura brasileira dos anos 30, contribuíram para que escritores cabo-verdianos, como Baltasar Lopes da Silva e Manuel Lopes, fundadores da revista *Claridade*ⁱⁱⁱ desenvolvessem romances que assemelham às obras literárias brasileiras. Novamente, Santilli (2007, p. 18) afirma que a produção literária cabo-verdiana, nos tempos de *Claridade*, recebe influência da literatura brasileira, não somente como recusa à cultura europeia, “mas pelas afinidades com o neorrealismo e o valor telúrico na literatura brasileira”. Em 1983, o surgimento da revista *Ponto e Vírgula* amplia o horizonte, apresentando um propósito maior: o de fazer intercâmbio cultural – e, nesse aspecto, os autores ligados a ela, inclusive Germano Almeida, “teriam contribuído para um novo impulso, o de inventar o futuro da Literatura cabo-verdiana” (SANTILLI, 2007, p. 169).

Depreende-se, dessa maneira, que o estudo aproximativo entre a literatura brasileira e a produção cabo-verdiana possui, entre outros elementos, um contexto histórico significativo, que torna ainda mais envolvente a comparação por meio do espaço das narrativas de Milton Hatoum e Germano de Almeida.

Gaston Bachelard (2008, p. 28), em *A Poética do Espaço*, nomeia como toponálise o estudo sobre a teoria espacial na literatura, retratando o espaço como um “estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” e destacando a casa como um lugar especial. Para ele:

[...] a casa é uma das maiores (força) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. (BACHELARD, 2008, p. 26)

Osman Lins, em *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976), também propõe um novo olhar sobre a representação do espaço na ficção, desde um simples cenário em que os figurantes praticam as ações até outro de maior complexidade, no qual



acaba por invadir o enredo ora influenciando os elementos pertinentes na obra, ora sofrendo influências. A sua contribuição teórica está consubstanciada de forma sistemática e metodológica na distinção entre espaço romanesco e ambientação e o desdobramento deste em franca, reflexa e dissimulada, além da caracterização das funções:

[...] Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado *ambiente*. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa. (LINS, 1976, p. 77)

Em outras palavras, denominam-se espaço social aquele criado pelo homem e espaço natural, o pertencente à criação da natureza. No entanto, quando nesses espaços há estratégias de narração expressas pelo autor, Osman Lins denomina-os de ambientação. Nesse sentido, ambientação apresenta-se como categoria de espaço, com um maior grau de complexidade, conferindo uma visão mais abrangente ao espaço romanesco.

O estudo de Oziris Borges Filho em *Espaço e Literatura* (2008) destaca a definição de topoanálise por Bachelard, ampliando, assim, o conceito de espaço. Para Borges Filho (2008, s/p.), a ideia de topoanálise ultrapassa o estudo psicológico das personagens, já que abarca todos os outros aspectos relacionados ao espaço, sejam elas "sociológicas, filosóficas, estruturais etc.", além de empreender um estudo sistemático sobre essa categoria narrativa, quanto às funções, ao enredo e a topografia literária.

O COMPORTAMENTO CULTURAL DAS PERSONAGENS: EXISTÊNCIAS AMBÍGUAS

Dois irmãos e *Os dois irmãos* estão distantes no espaço físico, mas unidos no espaço ficcional pela língua e pelos fatores históricos, sociais e culturais. Nesse sentido, é importante compreender os comportamentos culturais das mães e dos irmãos nos textos de Milton Hatoum e Germano Almeida para compreender os espaços

delineados pelos autores. As mães representam a força motriz das tramas, pois os conflitos são basicamente conduzidos por elas.



No romance *Os dois irmãos*, de Germano Almeida, a mãe de André e João não dispunha de autonomia alguma sobre o espaço da casa, por isso, apenas rezava e fazia orações, além de chorar demasiadamente pela situação em que viviam os seus filhos. No momento em que o filho João “apertava-lhe a mão sem palavras e olhava para ela como se estivesse a pedir-lhe uma qualquer espécie de socorro” (ALMEIDA, 1996, Unid. I Cap. 9, p. 4), ela se afasta porque a sua palavra ou atitude é insignificante diante da situação, não representando nenhum peso para assisti-lo. A única forma de se sentir aliviada pela situação perturbadora em que se encontrava era “pedir a Deus que lhe conservasse os seus filhos em bem” (ALMEIDA, 1996, Unid. I Cap. 9, p. 6). Esse comportamento submisso da mãe pode, de alguma forma, ter influenciado André, pelo caráter submisso comum entre eles e pela proximidade dos dois.

[...] André tinha tido sempre um grande apego à mãe, como se desse modo quisesse compensar da rigidez do pai, e antes de se casar passava muitas horas com ela dentro da cozinha ajudando-a a preparar as refeições ou então, acompanhava-a quando ela saía a catar lenha, embora o pai nunca tivesse aprovado essa excessiva familiaridade e costumasse a dizer com aspereza que André gostava mais dos trabalhos próprios para mulher. (ALMEIDA, 1996, Unid. I, Cap. 7, p. 2)

Segundo Simone Caputo Gomes (2008, pp. 273-274), em virtude dos valores cultivados no passado histórico, a atuação da mulher se limitava ao trabalho doméstico, enquanto o homem detinha o poder de decidir sobre a organização da casa e a educação dos filhos. Tal submissão feminina apresenta a condição de uma mãe que não educa, apenas provê alimento, vestuário e cuidados relacionados à sobrevivência e não à vivência.

Em contrapartida, Zana, mãe de Yaqub e Omar, em *Dois irmãos*, tinha efetiva autoridade no espaço da casa e das pessoas que ali conviviam, conforme se observa: “[...] mandava e desmandava na casa, na empregada, nos filhos” (HATOUM, 2000, p. 54). Um dos exemplos desse poder feminino na casa diz respeito à ida do Yaqub sozinho para Líbano, pois, a princípio,

Halim havia decidido mandar os dois gêmeos para sua terra



natal, o que não aconteceu por imposição de Zana. Para Tânia Pellegrini, as figuras femininas em *Dois irmãos*:

[...] são o centro difusor da ação e das narrativas. Por elas passam as decisões, as lembranças e o passado da família. Elas só não dominam o futuro, dado por outras coordenadas. (...) Pode-se mesmo dizer que as mulheres são causa e os homens consequência; elas são matrizes e nutrizas da vida e dos textos. (PELLEGRINI, 2007, p. 133)

É possível deduzir que o comportamento libertino, desregrado, cheio de vontade de Omar, seu filho caçula, tenha sido, em parte, reflexo do excessivo mimo da sua mãe, verificável mesmo quando o filho "chegava de madrugada bêbado, cambaleante, e a mãe Zana arrastava-o até o alpendre, acordava a empregada Domingas que o desnudavam, passava álcool no corpo e levava-o até a rede para descansar" (HATOUM, 2000, p. 33).

De acordo com o narrador do romance de Hatoum, Zana era uma mulher linda e quase sem rugas, mesmo envelhecida, uma vez que havia a empregada Domingas e posteriormente o próprio narrador, filho da empregada, que auxiliava nos afazeres da casa. Assim, sobrava tempo para prostrar-se com as vizinhanças, fazer fofocas e promover festas em sua casa. Na obra cabo-verdiana, por sua vez, o narrador descreve a mulher mais sofrida, castigada pelo trabalho pesado e pelo sol intenso. Tal representação da mulher fica muito clara no trecho em que André ao rever a sua mulher Maria Joana, agora com 19 anos, observa que o seu rosto "já se encarquilhava debaixo das violências do sol daqueles campos agrestes" (ALMEIDA, 1996, Unid. II, Cap. 7, p. 4).

Segundo Simone Caputo Gomes, o envelhecimento precoce das mulheres em Cabo Verde acontece porque:

[...] a mulher é normalmente chamada a realizar tarefas na agricultura, como a sementeira, a colheita, o descasque e a transformação do produto; por vezes, faz trabalhos pesados, como carregar pedregulhos ou latões de cascalho à cabeça na frente de abertura de estrada na rocha, ajudando o homem, ao mesmo tempo em que se desdobra para cumprir as tarefas domésticas como cuidar do filho pequeno, transportar lenha, recolher água (para o que precisa percorrer longos trajetos), ou fazer funcionar o fogão de pedra. (GOMES, 2008, p. 162)

Percebe-se, portanto, ambiguidade expressiva das ações da mulher no espaço manauara em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, em comparação à mulher no espaço cabo-verdiano em *Os dois irmãos*, de Germano Almeida, tanto na casa quanto no ambiente



psicológico, em especial ante as mães: a alegria de Zana no retorno de Yaqub, que passou cinco anos no Líbano, e a tristeza da mãe na chegada de André na aldeia cabo-verdiana; o domínio da Zana, seja no espaço da casa, seja nas pessoas que ali conviviam em contraste com a mãe de André e João, que não pode sequer opinar ou tomar parte do acontecimento trágico entre os filhos; Zana tinha tempo para cuidar de sua aparência, já que, pelas condições financeiras, era possível manter pessoas nos afazeres de casa; porém a mãe de João e André, assim como as demais mulheres de Cabo Verde, vivia em situação de pobreza trabalhando arduamente em casa e no campo, além do sol escaldante, a castigar a pele e a saúde.

André, o protagonista do romance *Os dois irmãos*, mostra o quão a cultura tradicional se apresenta fortemente marcada no espaço cabo-verdiano, percebido tanto no interior da casa como no meio social. André saiu da ilha para trabalhar em Lisboa por vontade própria, em busca de melhores condições, deixando a sua esposa. Retorna à sua terra natal, após três anos, pelo fato de ter recebido uma carta do pai cujo conteúdo revela: “[...] o teu irmão anda a andar com a tua mulher” (ALMEIDA, 1996, Unid. I, Cap. 1, p. 11). A princípio, André não tinha nenhuma intenção de matar o seu irmão João, principalmente porque, como emigrante, teve a oportunidade de conhecer outros valores e costumes que modificaram a sua maneira de pensar – tanto que o crime só veio a se consumir após 21 dias da sua chegada à aldeia. Deduz-se que a demora da consumação do ato violento decorra da influência do meio e do processo de readaptação do André no espaço da aldeia. De acordo com Antônio Aparecido Mantovani, “o pai exerce uma intensa pressão sobre o filho mais velho e praticamente entrega o filho mais novo ao sacrifício” (MANTOVANI, 2009, p. 119).

Desde o dia de retorno, André se sentiu um estranho naquele ambiente, principalmente pela forma como foi recebido pelo pai: numa frieza como se “não tivesse reconhecido ou estivesse pensando ser um desconhecido que caminhava para ele” (ALMEIDA, 1996, Unid. I Cap. 3, p. 3), ou, ainda, como se estivesse imaginando “o regresso de um filho que talvez julgasse perdido”

(ALMEIDA, 1996, Unid. I Cap. 3, p. 3). Da mesma forma, a mãe parecia não estar contente com o seu retorno, pois percebia



nos seus olhos a feição de infelicidade, a sua boca não sorria alegre como sempre acontecia antes, todas as vezes que André se aproximava: "Pelo contrário estavam repuxados num *rictus* amargo e não fazia nenhum movimento como que a mostrar que desejava juntar-se naquele abraço, antes continuando ali estática e com aquele olhar de uma incomensurável tristeza" (ALMEIDA, 1996, Unid. I, Cap. 3, p. 4).

As acomodações do seu quarto lhe davam a sensação de nunca ter saído dali, pois todas as coisas do seu quarto – cama, guarda-fato, o espelho de corpo inteiro, a porta-fotografia do seu casamento –faziam-lhe sentir que havia retornado para casa, após ter se ausentado apenas por um dia (ALMEIDA, 1996, Unid. I, cap. 6, pp. 1-2). Segundo Osman Lins, o espaço que caracteriza a personagem "é, em geral, restrito – um quarto, uma casa –, refletindo, na escolha dos objetos, na maneira de os dispor e conservar, o modo de ser da personagem" (LINS, 1976, p. 98).

Essa situação de estonteamento, isto é, a de se sentir confortável no seu quarto e, ao mesmo tempo, um estranho no espaço, acaba por provocar em André um abalo psicológico, que, aos poucos, vai tomando conta de sua personalidade, fazendo-lhe sentir novamente em casa e lhe restituindo o pertencimento.

Percebe-se, portanto, que André volta a criar vínculos com a sua aldeia à medida que prorroga a sua partida para Lisboa, ou seja, cada dia de sua permanência, tanto na casa quanto no campo, motiva uma dependência tal a ponto de não conseguir se desligar do ambiente, que o induz a praticar o crime de fratricídio.

Compreende-se, dessa forma, que o crime foi perpetrado como uma atitude não apenas da vontade individual, mas da coletividade, argumento usado pelo advogado da defesa:

[...] o Réu não tinha sido senão um mero instrumento de execução de um irrevogável mandato popular, tão ínsito na consciência daquele povo que o seu desrespeito teria sido um escandaloso ultraje a valores que estão muito acima e muito para além da consciência individual. (ALMEIDA, 1996, Unid. I, Cap.1, p. 4)

João, o irmão mais novo de André, assumiu o espaço ocupado pelo mais velho no campo quando este viajara a trabalho para Lisboa, isentando inclusive o pai nas



atividades pesadas. Percebe-se aqui que, consciente ou inconscientemente, o irmão mais novo passa a ocupar o espaço laboral, que antes pertencia ao André. O comportamento de João se assemelha ao do Omar, personagem de *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, tido sempre como uma pessoa de destemida valentia e que a todos desafiava, até mesmo o próprio pai, com o propósito único de contrariá-lo – tanto que, “aos doze anos de idade, o pai tinha decidido que não voltaria a bater-lhe porque tinha chegado à conclusão de que João era ingovernável e todo o esforço no sentido de o melhorar seria pura perda de tempo” (ALMEIDA, 1996, Unid. I, Cap. 4, p. 8), embora fosse muito trabalhador e não apresentasse má-índole. Desde criança tinha um comportamento indisciplinado, mesmo o pai que sempre esforçara para “ministrar uma boa educação cristã, dentro do temor de Deus e do maior respeito pela família, pela honra, pela palavra dada e pelos mais velhos” (ALMEIDA, 1996, Unid. I, Cap. 7, p. 4). Ademais, o pai afirma que:

[...] ambos tinham sido educados no princípio geral de que em nenhuma circunstância um membro mais novo da família deveria permitir-se o atrevimento de desmentir um mais velho, mas muito particularmente no dever especial de que por todo tempo um filho deveria permanecer sempre respeitoso e obediente ao seu progenitor, nunca se atrevendo a levantar a voz diante dele ou achar-se no direito de contrariar as suas ordens. (ALMEIDA, 1996, Unid. I, Cap. 4, p. 9)

No entanto, todo o povoado sabia da rebeldia de João no sentido de desrespeitar os princípios sagrados, como respeito aos mais velhos, a ser dedicado especialmente a seu genitor. Chegou a chamar o pai de “endemoniado” por causa da acusação de traição com a cunhada Maria Joana. Outra conduta de João semelhante ao Omar era ser dado às mulheres, “não podendo ver uma barra de saia para não sair a correr atrás dela” (ALMEIDA, 1996, Unid. I, Cap. 7, p. 4). Sua transgressão maior foi o provável envolvimento com Maria Joana, a esposa do irmão. Provável porque impera a palavra do pai, o qual afirma ter presenciado essa relação, embora o narrador não deixe claro que esse fato tenha ocorrido realmente. É possível fazer a remissão ao episódio do romance de Machado de Assis,

Dom Casmurro, o qual suscita a controvertida discussão: Capitu traiu ou não o Bentinho? De qualquer modo, na pequena



comunidade de Cabo Verde, a palavra do pai é considerada verdadeira e indiscutível. Observa-se, portanto, na aldeia, uma cultura tradicional estruturada em valores muito acima das leis preconizadas pela cultura do colonizador, valores da comunidade que preservam fortemente o respeito irrestrito aos mais velhos – nesse caso, o genitor.

Yaqub, irmão gêmeo de Omar, assemelha-se a André quanto à experiência de viver fora do espaço em que nasceram. Uma vez fora desse universo, passam a agregar outros valores e culturas às suas vidas. Entrementes, Yaqub passou a sua adolescência longe da família involuntariamente, pois a ida para uma aldeia no sul do Líbano não foi uma decisão própria, mas uma decisão dos pais por causa da atitude irracional do seu irmão Omar, no porão onde acontecia o programa cinemateca aos sábados:

[...] uma pane no gerador apagou as imagens, alguém abriu uma janela e a plateia viu os lábios de Lívia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. (HATOUM, 2000, pp. 27-28)

Nessa perspectiva, Bachelard, nos estudos de fenomenologia da imagem, diferencia a casa na sua verticalidade, dividindo-a em dois polos: o do porão e do sótão (teto).

[...] O teto revela imediatamente sua razão de ser: cobre o homem que teme a chuva e o sol (...). No sótão, vê-se a nu, com prazer, o forte arcabouço do vigamento. Participa-se da sólida geometria do carpinteiro.

No porão também encontraremos utilidades, sem dúvida. Enumerando suas comodidades, nós o racionalizamos. Mas ele é a princípio o *ser obscuro* da casa, o ser que participa das potências subterrâneas. Sonhando com ele, concordamos com a irracionalidade das profundezas. (BACHELARD, 2008, pp. 36-37).

Essa atitude irracional de Omar, no porão, deixou uma cicatriz indelével na testa de Yaqub (marca de Caim). Cicatriz que acompanha a vida dos dois irmãos, marca da discórdia eterna. Yaqub revela ao narrador a revolta pela sua saída de Manaus: "fui obrigado a me separar de todos, de tudo... não queria" (HATOUM, 2000, p. 116).

Observa-se que Yaqub não suportava a lembrança do período que esteve no Líbano, enquanto André passa a

sentir saudade de Lisboa, dos amigos, não obstante a dureza no trabalho, porquanto recebeu o tratamento hostil da família e do meio após três anos de ausência. Ao retornar do Líbano, Yaqub



[...] desprezava, ativo em sua solidão, os bailes carnavalescos, ainda mais animados nos anos do pós-guerra, com os corsos e suas colombinas que saíam da praça da Saudade e desciam a avenida num frenesi louco até o Mercado Municipal; desprezava as festas juninas, a dança do tipiti, os campeonatos de remo, os bailes a bordo dos navios italianos e os jogos de Futebol no Parque Amazonense. Trancava-se no quarto, o egoísta radical, e vivia o mundo dele, e de ninguém mais. (HATOUM, 2000, p. 32)

Além disso, passava "dias e noites no quarto sem dar um mergulho nos igarapés, nem mesmo aos domingos, quando os manauaras saem ao sol e a cidade se concilia com o rio negro" (HATOUM, 2000, pp. 31-32). Igualmente, no conto *Uma estrangeira da nossa rua*, de Milton Hatoum, a família do engenheiro Doberty se portava como estranha naquele ambiente social, pois as duas filhas viviam enclausuradas no espaço da casa: "não iam às festas, não pulavam Carnaval, não se bronzeavam nos balneários nem tinham namorados ou amigos" (HATOUM, 2009, p. 16). Analogamente, Yaqub não se adapta à cultura local, agindo como um estranho tanto dentro da própria casa quanto no meio social, ignorando todos os acontecimentos culturais, um comportamento avesso ao do irmão gêmeo, Omar, o qual:

[...] gazeava lições de latim, subornava porteiros sisudos do colégio de padres e saía para a noite, fardado, transgressor dos pés ao gogó, rondando os salços da Maloca dos Barés, do Acapulco, do Cheik Clube, do Shangri-Lá. De madrugada, na hora do último sereno, voltava para casa. (HATOUM, 2000, pp. 32-33)

Segundo o pai, Halim, "Omar quer viver com emoção. Ele não abre mão disso, quer sentir emoção em cada instante da vida" (HATOUM, 2000, p. 122). Esse modo de viver do Omar guarda em parte, relação com o macroespaço, no qual a imensidão dos rios associada à riqueza natural propicia, no ser que ali vive, a sensação de liberdade ampla e irrestrita como é retratado pelo narrador, Nael: "A imensidão escura e levemente ondulada me aliviava, me devolvia por um momento a liberdade tolhida. Eu respirava só de olhar para o rio" (HATOUM, 2000, p. 81).

O espaço da casa também pode ter contribuído para o comportamento adverso entre Omar e Yaqub. Zana, a mãe



dos gêmeos, demonstrava preferência pelo gêmeo caçula, Omar, fazendo todas as suas vontades, de maneira que Yaqub revela, por meio da voz do narrador: "Não entendia por que Zana não ralhava com o Caçula, e não entendeu por que ele, e não o irmão, viajou para o Líbano" (HATOUM, 2000, p. 20). A própria criação

fora do espaço da casa foi diferente. Zana levava Omar a conhecer os pontos mais frequentados pela sociedade manauara, como, por exemplo:

[...] passeios de bonde até a praça da Matriz, os bulevares, o Seringal Mirim, as chácaras da Vila Municipal; levava-o para ver os malabaristas do Gran Circo Mexicano, para brincar nos bailes infantis do Rio Negro Clube, onde aos dois anos ele foi fotografado com a fantasia de saumide-coleira[...]. (HATOUM, 2000, pp. 67-68)

Enquanto isso, Yaqub, sob os cuidados da empregada Domingas, era conduzido para:

[...] praias formadas pela vazante, onde entravam nos barcos encalhados, abandonados na beira de um barranco. Passeavam também pela cidade, indo de praça em praça até chegar à ilha de São Vicente, onde Yaqub contemplava o Forte, trepava nos canhões, imitava a pose das sentinelas. Quando chovia, os dois se escondiam no barco de bronze da praça São Sebastião, contava Domingas, depois iam ver os animais e peixes na praça das Acácias. (HATOUM, 2000, p. 68)

Nota-se que os lugares frequentados pelo Omar eram mais de festas e ostentação, enquanto Yaqub era levado para ambientes naturais e culturais, como reflexo do comportamento adverso dos irmãos.

Observa-se também que o comportamento libidinoso dos pais no espaço da casa contribui para a vida devassa de Omar. Halim e Zana não se controlavam nas relações de intimidade, realizando-as em qualquer espaço da casa: debaixo da seringueira, no tapete da sala, na rede, na cama, no pequeno depósito da loja, entre outros. O narrador Nael, filho da empregada Domingas, chegou a ver

[...] Halim e Zana de pernas para o ar, entregues a lambidas e beijos danados, cenas que eu via quando tinha dez a onze anos e que me divertiam e me assustavam, porque Halim soltava urros e gaitadas, e ela, Zana, com aquela cara de santa no café-da-manhã, era uma diaba na cama, um vulcão erotizado até o dedo mindinho. Às vezes, não dava tempo ou eles se esqueciam de trancar a porta, e ali, na fresta, meu olho esquerdo acompanhava as ondulações dos corpos, os seios dela sumindo na boca de Halim. (HATOUM, 2000, p. 90)

Além disso, tudo era motivo para festa: chamavam as vizinhanças para comemorar o retorno do filho do Líbano e



até mesmo uma simples carta recebida do filho Yaqub, que se encontrava em São Paulo, era motivo de comemoração. Esse modo de criação diferenciado, o comportamento dos pais no âmbito da casa, além da influência macroespacial, contribuiu para o distanciamento e a rivalidade cada vez maior entre os irmãos gêmeos, Omar e Yaqub.

Dessa maneira, os irmãos, tanto na obra de Milton Hatoum quanto no romance de Germano Almeida, apresentam comportamentos ambivalentes em si e entre eles. Omar se revela ambíguo porque é conquistador, valentão, desafiador, desobediente, boêmio, mas, no espaço da casa, é aquele mimado, preguiçoso, entregue na rede aos cuidados da mãe. Yaqub tem conduta dúbia porque é lacônico, sensível, estudioso, mas também duro e taciturno, como expõe o narrador Nael: "Deixou na casa a lembrança forte de duas cenas ousadas: o desfile com farda de gala e o encontro com a mulher que ele amava" (HATOUM, 2000, pp. 44-45). Sobre essa situação, Nael também opina: "ele me deixou uma impressão ambígua, de alguém duro, resoluto e altivo, mas ao mesmo tempo marcado por uma sofreguidão que se assemelhava a uma forma de afeto" (HATOUM, 2000, p. 114). A ambiguidade de João pode ser notada quando, no dia do crime, não reage contra o seu irmão André, em momento algum, aceitando, com passividade, a sua sina, embora ele próprio seja valente e afeito a brigas. A sua reação de violência parece ser mais com o pai do que com o irmão – assim se deduz que essa atitude pode revelar o respeito ao irmão ou, então, comprova a sua relação com a cunhada. André, por sua vez, é um personagem que vai sendo dominado pelo ambiente social, induzido a cometer um crime contra o próprio irmão, não obstante tenha conhecido o exterior e, subsequentemente, incorporado novos valores e ideias, residindo aí a sua controvertida ambiguidade.

Omar e Yaqub possuem também uma relação dual, pois são fisicamente idênticos, mas ambos concorrentes e se comportando em extremos opostos. Omar é festeiro, falta às aulas, não estuda, vai para bebedeiras, enquanto Yaqub fica trancafiado no quarto, estudando, não participando de festa alguma da cidade, como carnaval e ritos juninos. Na adolescência, chegaram a disputar a mesma mulher – Livia –



razão da cicatriz na testa de Yaqub. Faz-se aqui, como já apontado por parte da fortuna crítica, uma analogia com o romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, já que os irmãos Pedro e Paulo também são gêmeos idênticos fisicamente, e igualmente em campos opostos, sendo que o mais novo conta

com a preferência da mãe, assim como o Omar, além do fato de ambos desejarem a mesma mulher. André e João, diferentemente de Omar e Yaqub, apresentam-se como companheiros, apesar das diferenças nas condutas. Entre eles, respeito e admiração, mas o espaço social e as atitudes dos pais no espaço da casa acabam por influenciar a André a tal modo, que a sua atitude decorrente é matar o próprio irmão.

André e Yaqub compartilham o mesmo aspecto pelo fato de ambos serem emigrantes por algum tempo, mas diferem no comportamento, pois o primeiro sente saudades de Portugal, especialmente em virtude do desprezo expresso por seus pais e pessoas da comunidade, embora não deixe de contemplar e venerar a beleza do raiar do sol em sua aldeia. Já Yaqub odeia o Líbano a tal ponto que, quando o seu vizinho Talib lhe pergunta se sente saudade do Líbano, a resposta vem dura: "Me mandaram para uma aldeia no Sul, e o tempo que passei lá esqueci. É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua..." (HATOUM, 2000, pp. 118-119). Yaqub não se adapta mais à sua cidade natal, Manaus, transferindo-se para a grande metrópole, São Paulo, lugar onde a "solidão e o frio não o incomodavam" (HATOUM, 2000, p. 59).

João e Omar apresentam similaridades no comportamento ousado, afeito às brigas, às mulheres, sobretudo no gesto de contrariar o pai. Porém, são ambíguos na relação tanto com o irmão quanto com o trabalho e o espaço, pois a conduta de Omar é tolerável no espaço amazônico enquanto João é condenado na sua aldeia. Percebe-se, assim, que o comportamento aqui referendado está relacionado a um olhar literário que agrega, primordialmente, os elementos de natureza espacial e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo comparado das obras *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, e *Os dois irmãos*, de Germano Almeida, enfatizando-se a *escritura*, o *espaço* e as suas correlações com a *cultura*, provocou um debate crítico capaz de romper barreiras geográficas, aproximando, assim, dois mundos: uma pequena aldeia de Cabo Verde e a cidade de Manaus, no Amazonas. Tal intercâmbio comprova a importância da literatura comparada, voltada ao diálogo entre narrativas aparentemente similares pelos títulos. À medida que se mergulha na investigação, entretanto, flagra-se a existência de vínculos e confluências muito mais consistentes.

Nesse sentido, o espaço sob o viés literário fundamenta-se teoricamente em Gaston Bachelard, de Oziris Borges Filho e Osman Lins, que aportam contribuições significativas à concepção de espaço. Tais noções, associadas à cultura, configuram elementos importantes para as composições ficcionais, por contemplarem temáticas acerca das manifestações culturais associadas às festividades, à religião, à literatura, à cultura estrangeira e ao comportamento das personagens nas obras. Germano Almeida e Milton Hatoum desdobram esses temas e mundos a partir de recursos denominados por Borges Filho de espaço realista, isto é, a construção de enredos estruturados em espaços existentes no mundo real, como nome de ruas, igrejas, mercados, praças, entre outros, permitindo, por meio dessas estratégias, conduzir o leitor a espaços e tempos verossímeis.

Em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, por exemplo, o gênero poético gazais de Abbas era recitado para conquistar uma mulher, operando como aproximação entre as pessoas. A composição poética do professor Laval denunciava as ideologias dominantes na época. Já a obra de Germano Almeida exprime as práticas literárias orais por meio do tio Doménico, além da prática de metaliteratura, servindo de base para a construção da arte literária. A cultura estrangeira descrita nas obras permite, assim, uma reflexão acerca das práticas culturais europeias tão arraigadas no espaço

cabo-verdiano e amazonense, como as togas dos oficiais para





juízo, na obra de Germano Almeida, e o desfile militar de sete de setembro, em Milton Hatoum.

A macroliteratura cabo-verdiana procura mostrar a força da herança cultural como forma de protesto contra a cultura europeia. Nesse sentido, o personagem de André, por mais que tenha conhecido a cultura estrangeira, não consegue se desprender da cultura de sua terra natal, arraigada em tradição e costumes muito sólidos.

Com relação ao comportamento dos personagens – mães e irmãos –, o diálogo entre os romances revela ambiguidades e divergências, levantando questões como autonomia/submissão, tolerância/intolerância, divergências/semelhanças.

Considera-se, portanto, que o estudo comparativo das obras *Dois Irmãos* e *Os dois irmãos* permite reflexões acerca dos espaços em que as personagens se encontram inseridas, demarcando ainda que o real e o imaginário guardados na memória, constructos das narrativas dos autores, apresentam possibilidades de pontuar aspectos ora conflitantes ora consonantes, que convergem para o mesmo ponto: as histórias das famílias sob os múltiplos e variados olhares.

103

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Germano. *Os dois irmãos*. 1996. Lisboa: Editorial Caminho S.A, 1995.
- ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguiar, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1978.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia Formação Social e Cultural*. 3 Ed. Manaus: Editora Valer, 2009.
- BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: introdução à topoanálise*. XI Congresso Internacional da ABRALIC. 13 a 17 de julho de 2008. USP – São Paulo, Brasil.
- CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à Literatura. Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.



COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde: Literatura em chão de Cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

HATOUM, Milton. Dois irmãos. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

HATOUM, Milton. Uma estrangeira na nossa rua. In. A Cidade Ilhada: *Contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14 Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2001.

LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Editora Ática, 1976.

MANTOVANI, Antônio Aparecido. Espaço em ruínas: meio social, conflito familiar e a casa em ruínas em *Os dois irmãos* de Germano Almeida e *Dois irmãos* de Milton Hatoum. São Paulo: 2009. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-02022011-105601/>.

Acesso em: 03/03/13

MANTOVANI, Antônio Aparecido. Diálogos: um olhar sobre as tensões impostas pelo espaço no comportamento das personagens em *Os Dois Irmãos*, de Germano Almeida e *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. XII Congresso Internacional da ABRALIC. 2011.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances *Dois irmãos*, *Relato de um certo oriente* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, UNINORTE, 2007, p.98-118.

PIMENTEL, Davi Andrade. O espaço literário de Maurice Blanchot. Revista Garrafa 28. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa28/daviandrade_oespacolit.pdf>. Acesso em: 08 de fev. 2014.

SANTILLI, Maria Aparecida. Literatura de Língua Portuguesa: marcos e marcas – Cabo Verde: Ilhas do Atlântico em prosa e verso. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo,. Cosac Naify, 1975.



THE TWO BROTHERS: SCRIPTURE, SPACE AND CULTURE IN MILTON HATOUM AND GERMANO ALMEIDA

Abstract: This article presents a comparison between the works *Two Brothers*, by Milton Hatoum and *The Two Brothers*, by Germano Almeida. The comparison aims to develop the analysis

of aspects related to space, which demands an understanding of the physical and cultural spaces, especially through the behavior of the brothers Yaqub and Omar, André and João and the women Zana and the mother of João and André. It is a qualitative approach that seeks to understand the concept of space and culture in the works mentioned, having as main theoretical bases *The Poetics of Space*, by Gaston Bachelard, *Space and Literature: Introduction to Topanalysis*, by Oziris Borges Filho, and *Lima Barreto and the romanesque space*, by Osman Lins. The text briefly alludes to the reasons that led the authors to write the novels, as well as an explanation of the macro space in Manaus and Cape Verde in the context of culture, in addition to the representation of women in the space of the house. In this sense, the literature proposes to bring together two environments that, although distant in relation to the physical space, are interrelated through the historical, religious and, above all, cultural space.

Keywords: Space; Culture; Woman; Milton Hatoum; Germano Almeida.

105

ⁱ Compreende-se macroespaço como o espaço exterior, aberto, como o campo, os rios, a cidade, entre outros e microespaço como o espaço interior, fechado, como o interior da casa, o porão, o quarto, a cozinha.

ⁱⁱ Processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p. 180)

ⁱⁱⁱ Revista literária cabo-verdiana fundada em 1936.